



Reconstruindo São Paulo

Maria Cristina da Silva Leme

Metrópole e Cultura. São Paulo no Meio Século XX,
de Maria Arminda do Nascimento Arruda, São Paulo, Edusp, 2015, 392 p.

As instigantes questões formuladas por Maria Arminda do Nascimento Arruda na elaboração da tese de livre-docência se desdobraram na primeira edição do livro, em 2001. Ao retomar esse percurso, 14 anos depois, emerge a aguda percepção de que as indagações se mantêm presentes e são estratégicas para refletir sobre os rumos atuais da política e da cultura no Brasil.

Para entender as realizações do moderno, especialmente da cultura moderna, o foco da análise recaiu nas linguagens inovadoras e não codificadas que emergiam na metrópole de São Paulo após a Segunda Guerra Mundial: o teatro de Jorge Andrade identificado à memória e ao declínio da sociedade tradicional; a sociologia científica da USP de Florestan Fernandes; e o movimento concreto na literatura e artes plásticas. Não foi casual a eleição dessas linguagens. Seriam paradigmáticas das mudanças ocorridas no universo da cultura de São Paulo naquele período. A escolha não minimiza a importância de linguagens como o cinema, a arquitetura e o urbanismo, objeto de análise de outros estudos, com os quais dialoga e, nessa medida, os inclui para compor o quadro ampliado de reflexão. Outras, como a publicidade e a televisão, só se desenvolveriam mais tarde, ao final dos anos 60.

Inspirada na análise do historiador americano Carl Schorske, quando estuda a modernidade vienense do final do século XIX, Maria Arminda, ao aproximar Viena e São Paulo, realidades urbanas e culturais tão diferentes, põe um método a serviço de uma ideia, como afirma no prefácio. Essa possibilidade é confirmada por Nicolau Sevcenko na resenha da primeira edição, que observa tratar-se não apenas de rigoroso estudo sociológico e histórico mas também de uma valiosa reflexão metodológica.

Na escolha dos temas, o reconhecimento de que a cidade, em sua escala metropolitana, impõe a elaboração de análises diversas tomando como problema objetos e recortes diversos. A cidade demanda a aproximação e o diálogo entre esses olhares, mas sua apreensão impõe o abandono da utopia da totalidade, da convergência.

Uma instigante reflexão que a nova edição do livro promove e propicia.

São Paulo, na metade do século XX, configurava-se como uma metrópole não apenas pelo crescimento demográfico, ultrapassando três milhões de habitantes, como pela expansão da área urbanizada. A polarização que exercia sobre as atividades econômicas da região se expressava também na liderança política e na diversidade social.

A partir dos anos 40 o processo de urbanização acelerada em termos de expansão da área urbana e a formação de periferias precárias tiveram consequências importantes em termos de desagregação social. Dois processos acontecem de forma articulada: a expansão da área urbana e o congestionamento das áreas centrais. Atribui-se o aumento da área urbanizada, desde o princípio do século XX, inicialmente à extensão das linhas férreas e de bondes e, em seguida, de forma acelerada, à concessão de linhas de ônibus, que passam a acessar novos e mais distantes trajetos. Entretanto, a expansão da cidade nesse período se fez de forma mais precária do que nos períodos anteriores. Grande parte da população com baixos salários tinha como opções de local de moradia as periferias distantes em loteamentos ilegais, não providos de infraestrutura; ou a ocupação nas áreas centrais das cidades em habitações coletivas; ou ainda a invasão de áreas públicas ou privadas em bairros mais consolidados formando as primeiras favelas.

A presença importante de estrangeiros, desde finais do século XIX, é acrescida pelos deslocados pela guerra, que encontram na cidade a possibilidade do trabalho. Aos italianos, que marcaram de forma extraordinária o início do processo de migração, se agregam diversas nacionalidades que ocuparam lugares e atividades específicos. Vale lembrar que esse fluxo de milhares de novos habitantes, associado a estratégias permanentes de ocultamento das marcas coloniais e escravistas em nossa sociedade, irá eclipsar a presença e a memória dos negros na cidade, relegando-os para as suas margens. Esses estrangeiros, permanentes ou transitórios, construíam com seus hábitos, linguagens,

MARIA CRISTINA DA SILVA LEME é professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

projetos e intervenções a cidade que os abrigava e também os excluía (Lanna et al., 2012).

O período pós-Segunda Guerra Mundial, com a redemocratização, o fim do Estado Novo e a emergência de um novo surto desenvolvimentista, descortinou “a possibilidade de forjar nos trópicos esse suporte de civilização moderna” – frase de Florestan Fernandes.

A sociologia paulista que emerge na USP nos anos 50 é identificada e caracterizada por dois projetos intelectuais diferentes e que se opunham nos seus princípios fundadores: uma vertente nucleada por Florestan Fernandes e outra por Antonio Candido. Rizek (2001) elabora uma hipótese sobre o momento em que se cristalizam essas distinções. Especialmente em *Os Parceiros do Rio Bonito*, Antonio Candido se voltaria para aquelas parcelas da população que ficaram de fora dos processos de modernização, e Florestan Fernandes caminharia em sentido contrário, para a análise da mudança social que poderia conduzir a sociedade brasileira e seus atores.

A formação intelectual de Florestan Fernandes combinou as duas vertentes que emergiam em São Paulo naquele período, a da pesquisa empírica da Escola de Sociologia e Política, onde desenvolveu as pesquisas do mestrado, e a tradição científica da USP, onde defendeu o doutorado e seguiu carreira docente. O grupo de pesquisadores constituído por Florestan produziu trabalhos com certa afinidade do ponto de vista teórico e temático, que aproxima a ideia da emergência de uma escola paulista de sociologia.

O período após 1945 trouxe ares de renovação em experimentações culturais. Aumentaram as relações internacionais, rompeu-se o isolamento, e o consumo cultural se ampliou. Entre 1940 e meados dos anos 50, quando se comemora o IV Centenário da fundação da cidade, multiplicam-se as instituições e a realização de eventos. A lista era extensa e superava em muito o que acontecia no Rio de Janeiro.

O teatro, como observa Maria Arminda, se expandiu nesse período em São Paulo em um largo espectro de experimentações e tradições diferentes. Incluiu o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), de Franco Zampari em associação com Ciccillo Matarazzo, e abriu espaço para novos grupos teatrais, como o grupo experimental de

teatro de Alfredo Mesquita, em 1942, e o grupo universitário de teatro de alunos da USP organizado por Decio de Almeida Prado e Lourival Gomes Machado, em 1943. Na década de 50 forma-se o Arena, por egressos da Escola de Arte Dramática, e o Oficina, por José Celso Martinez Corrêa e Renato Borghi.

Nesse contexto de efervescência cultural, a obra de Jorge Andrade exprimia os dilemas de uma sociedade em franca transformação social e econômica.

Construindo a partir da memória familiar, ele retoma a história dos fazendeiros arruinados na crise de 29 e deslocados pela crescente importância do mundo urbano industrial.

A dramaturgia de Jorge Andrade parece concretizar uma síntese daquele tempo. Ressoava a singularidade da mobilidade social de São Paulo nos anos 50, quando se cruzaram as trajetórias dos migrantes ascendidos economicamente e a permanência da burguesia agrária. A ascensão social dos recém-chegados na formação da nova classe média não significou obrigatoriamente a descensão dos grupos até ali hegemônicos – criava-se um espaço de acomodação. Como observa a autora, não significa que o passado tenha sido superado, porém a maciça presença dos imigrantes e seus descendentes aliada à crise dos modos de vida provenientes da cafeicultura construíram novas formas de sociabilidade.

A poesia e as artes visuais aglutinaram as manifestações culturais dos anos 50 com a participação e liderança de jovens intelectuais e artistas. A poesia concreta retomou o modernismo dos anos 20, em especial a produção de Oswald de Andrade. Rompeu com a relação forma/conteúdo e avançou nas fronteiras de outras linguagens sonoras e das artes plásticas. Alinhado com esse movimento na Europa, na Suíça e na França, o grupo em São Paulo foi inicialmente formado pelos poetas irmãos Augusto e Haroldo de Campos e pelo amigo Decio Pignatari. Na fase inicial, um forte componente militante mobilizado em torno de princípios que se expressaram na revista *Noigrandes*. Os embates e rupturas se dariam em relação ao movimento que se organizou no Rio de Janeiro pelo poeta Ferreira Gullar e a artista plástica Lygia Pape.

Ao indagar sobre as dimensões comuns e divergentes da dramaturgia de Jorge Andrade, da so-

ciologia de Florestan Fernandes e do concretismo dos poetas e artistas plásticos, Maria Arminda nos faz refletir sobre o caminho percorrido, as potencialidades realizadas, algumas apenas parcialmente, e as possibilidades de fato perdidas.

Apesar das diferenças indeléveis, algo de comum perpassou a sociologia e o teatro mais representativos do período, presentes na trajetória de Florestan Fernandes e no teatro de Jorge Andrade. A autora destaca o pioneirismo nas áreas a que se dedicaram: a sociologia acadêmica e a dramaturgia moderna. Ao construírem suas trajetórias, também transformaram as instituições de tal forma eram a elas articulados. Ela observa, próximo à conclusão do livro: “[...] no caso do dramaturgo suas peças foram escritas ao mesmo tempo que o teatro adquiria perfil moderno e profissional. O sociólogo vivia a potencialidade da universidade autônoma e produtora de suas próprias regras”.

Partícipes ativos, é possível perceber na trajetória de Florestan e no teatro de Jorge Andrade uma sincronia com a crescente politização que movimentou o meio intelectual e artístico no Bra-

sil no início dos anos 60. O golpe de 64, seguido pelo acirramento da repressão quatro anos mais tarde, incidiu fortemente sobre esses projetos, ocasionando sua ruptura e descontinuidade. No caso do teatro de Jorge Andrade, as peças, cada vez mais explicitamente políticas, tiveram dificuldade em encontrar espaço para serem encenadas. A aposentadoria precoce de Florestan Fernandes em 1969 retirou o espaço de expressão onde se engendrara a sua identidade intelectual e profissional. A repressão não o calou, pelo contrário, Florestan produziu nos anos 70 obras de referência para a interpretação da sociedade e da política do Brasil. Entretanto, os vínculos que se estabeleciam entre essa produção e os seus lugares de origem se haviam esgarçado de forma definitiva.

As novas gerações passaram um longo período de amnésia política, sem a capacidade de reconstruir os nexos que engendraram a produção cultural que caracterizou e deu identidade a São Paulo. Apenas recentemente se observa o esforço dessa reconstrução para o qual a leitura desse livro é de fundamental importância.

BIBLIOGRAFIA

- LANNA, A. et al. (orgs.). *São Paulo, Os Estrangeiros e a Construção da Cidade*. São Paulo, Alameda, 2011.
- RIZEK, C. S. “A Cidade e Seus Temas: Relatos de uma Trajetória Exemplar”, in *Tempo Social*, São Paulo, 2001, pp. 229-36.